

## RESENHA

Resenha: GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Graciosidade e Estagnação**: Ensaios Escolhidos. Introdução e organização Luciana Villas Bôas; Tradução Luciana Villas Bôas, Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2012.

Marcelo de Mello Rangel\*

O primeiro capítulo de “Graciosidade e Estagnação” é dedicado à compreensão da história dos conceitos, e isto a partir da evidência de que ela teve uma ascensão e um esmorecimento súbitos. Chamo atenção para o início desse capítulo. Gumbrecht sentado à escrivaninha, em meio a sua biblioteca, observando seus Dicionários: os doze volumes do *Dicionário histórico de filosofia*, de Joachim Ritter, encadernados em azul-ferrete; à sua frente, em vermelho duradouro e à altura do chão “na margem inferior de seu campo de visão”, os oitos volumes dos *Conceitos históricos básicos* organizados por Otto Brunner, Werner Conze e Reinhart Koselleck, “para momentos de necessidade aguda de orientação histórica”; além dos *Conceitos estéticos fundamentais*, em “elegante” cinza metálico, “como convém ao tema”; do *Manual de conceitos político-sociais básicos na França (1680-1820)*, amarelo e que “durante anos foi especialmente importante”; ainda mais ao fundo, em azul-marinho e “quase intactos”, os fascículos da *Enciclopédia do conto de fadas* e, “novamente à altura do chão”, em encadernação pós-moderna e marmorizada, o dicionário da *Ciência da literatura alemã*, “lançado como terceira edição ‘totalmente revista’ do *Léxico da história da literatura alemã*”.

Esse início, além de agradável, condensa e antecipa boa parte do que será discutido ao longo das páginas subsequentes. À escrivaninha, Gumbrecht procura e observa seus dicionários e demais obras de referência, construídos todos a partir das compreensões e estratégias próprias à história dos conceitos (ou às histórias dos conceitos?), no entanto, algo mais parece relevante. Os *Conceitos históricos básicos* e o dicionário da *Ciência da literatura alemã* encontram-se à altura do chão, fora de seu campo de visão, em lugar de difícil manuseio, e isto porque já não recorre tanto a eles. O *Manual de conceitos político-sociais básicos na França* parece (quase) amarelado e, mais ao fundo, ainda mais distante, a *Enciclopédia do conto de fadas*, “quase intacta”. Apesar de estarem ali,

---

\* Prof. Dr. Programa de Pós-graduação em História da UFOP. Agradeço aos meus caros Susana de Castro pelo convite e estímulo, a Valdei Lopes de Araujo e a Hans Ulrich Gumbrecht, pelo carinho e diálogo. O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

em sua biblioteca, esses dicionários e obras de referência não participam mais de sua rotina. Se precisava procurar por eles é porque não eram mais imprescindíveis, o que está em questão, então, é o próprio esmorecimento silencioso da história dos conceitos.

Segundo o autor, a história dos conceitos é própria a uma época, as décadas de 60, 70 e 80, no interior da qual ainda se tinha esperança em relação à preparação de um futuro melhor, ela seria uma espécie de último suspiro “historicista”, o qual se dedicava à compreensão do presente a partir de uma análise o mais fiel possível do passado, e isto em prol de uma intervenção adequada (e cientificamente controlada) no presente e capaz de construir um futuro ideal. No entanto, desde a década de 90, no interior do que chama de “cronótopo pós-moderno”, o futuro teria se fechado, ou ainda, passara a ser imaginado e experimentado como um âmbito terrível, no qual ações terroristas e crises e desastres climáticos, por exemplo, se adensariam. Os homens em geral, desde então, se dedicariam a criar mundos no interior dos quais pudessem evitar a concretização desse futuro terrível, nos quais revivessem incessantemente (com segurança) significados e sentidos próprios ao passado, dinâmica que nos permitiria compreender, por exemplo, o sucesso das festas *plocs* e a multiplicação de músicas, filmes e peças reencenados.

Gumbrecht evidencia, ainda, uma espécie de fragilidade e/ou de indecisão teórica própria à história dos conceitos. Ela não teria se decidido, mais propriamente, no que diz respeito à realidade, ou melhor, à relação entre linguagem e realidade, ou em outras palavras, se existiria uma realidade para além da linguagem e se a história dos conceitos seria capaz de acessá-la. Deficiência teórica ou mesmo indecisão (?) que seria, também, uma espécie de necessidade de um tempo esperançoso, menos preocupado com questões desse porte e mais dedicado à compreensão do passado para uma intervenção adequada no presente em nome de um futuro ideal. Segundo Gumbrecht, essa deficiência ou indecisão (?) talvez indique, também, algo como uma estratégia, no que concerne à boa-relação entre a história dos conceitos e a história social, deficiência ou indecisão (?) que “parece ter sido a força secreta do movimento da história dos conceitos”.

E claro, não é menos interessante a análise que Gumbrecht faz das reflexões de Hans Blumenberg, de sua compreensão acerca da linguagem e do real, propondo sua “metaforologia” como um empreendimento intelectual específico e disponível à época de constituição e sucesso da história dos conceitos, o qual já disponibilizava uma crítica contundente à ideia de que os conceitos são um meio privilegiado à compreensão da relação entre determinados mundos e o tempo, ou ainda, da especificidade de determinados tempos históricos.

Ainda antes de terminarmos essa breve explicitação do primeiro capítulo de “Graciosidade e Estagnação”, lembro do relato de Gumbrecht de uma reunião, na década de 70, entre os principais expoentes da história dos conceitos (do grupo “poética e hermenêutica”), da qual ele participou. Ele descreve Koselleck apresentando algumas preocupações que então o aturdiavam, o autor de “Futuro Passado” estudava e escrevia sobre sentimentos específicos de parte dos judeus aprisionados pelo nacional socialismo, sentimentos sublimes, impróprios à determinação linguística, e isto através do exame de protocolos de sonhos de felicidade e de salvação num além-mundo. Koselleck fora duramente criticado, “esbarrou no limite absoluto dos acontecimentos transmitidos porque semanticamente comunicáveis, um limite que ele (e justamente essa reserva foi decisiva) não procurou ultrapassar ou mesmo desfazer”. Gumbrecht oferece, ao fim, uma análise detida da relação entre a história dos conceitos e o passado recente alemão, de sua inadequação fundamental no que diz respeito à explicitação de uma experiência que fora, também, extralinguística. Mais do que isso, (estranha) e se pergunta pela não tematização explícita desse passado quer pelo próprio Koselleck, até a década de 70, quer pela história dos conceitos em geral.

O segundo capítulo do livro recém-lançado de Gumbrecht, é dedicado à investigação da relação entre linguagem e o que chama de “presença”, ou seja, os corpos e materialidades que possuiriam uma existência autônoma (mas não independente) em relação ao aparato intelectual e à própria linguagem. Gumbrecht critica, a um só tempo, a compreensão de que a literatura, de que a linguagem em geral, seja capaz de evidenciar um real discreto e, ainda, critica o que seria uma espécie de polo contrário, a compreensão de que não haveria real algum para além dos mundos que seriam construídos no interior e a partir da própria linguagem, questionando autores como Paul de Man (além de outros que também seriam orientados pelo desconstrucionismo derridiano), pois “seria realmente a função central da literatura, em todas as suas formas e tonalidades diferentes, chamar incessantemente a atenção do leitor para a visão mais do que familiar de que a linguagem não possui referente (...)?”. Segundo Gumbrecht, apesar da permanência de elementos próprios à “cultura de sentido” “historicista” no interior do “cronótopo pós-moderno” - elementos como a compreensão de que é possível o acesso privilegiado em relação ao real, ou bem a compreensão de que a linguagem possui uma densidade intransponível, ou ainda mais, que o real seria apenas uma impressão (uma imagem) postulada a partir dos mundos

construídos através da linguagem - viveríamos, hoje, numa “cultura de presença”, ou seja, orientados, especialmente, pela pré-compreensão de que há uma relação tensa e complementar entre sujeito (linguagem e inteligência) e real (corpos e entes ditos naturais e objetos), não cabendo à interpretação, à evidenciação intelectual, a possibilidade de esgotamento do real. Nele, a relação entre sujeito e real seria compreendida a partir de uma mútua implicação, que seria transcendental - o real como a própria condição de possibilidade para toda e qualquer atividade intelectual - e transcendente - uma vez em que o real estaria em questão a cada atividade intelectual-prática. Nesse momento do livro, vale acompanhar, ainda, a leitura que Gumbrecht faz de Heidegger, do Ser como espaço transcendental.

No terceiro capítulo, intitulado “Perda do cotidiano. O que é ‘real’ no nosso presente”, Gumbrecht tematiza os *reality shows* (e também a internet, o e-mail, as bibliotecas eletrônicas etc.), descrevendo-os como adequados à evidenciação do cronótopo pós-moderno (do mundo contemporâneo). Segundo o autor, não se trata de posicionar-se objetivamente frente a esse fenômeno, buscando interpretá-lo e produzir enunciados adequados, mas sim de acompanhá-los e descrevê-los para deixar aparecer o próprio mundo contemporâneo, o qual teria perdido o que podemos chamar de cuidado pela aventura, ou melhor, teria produzido um novo real, virtual, quer através das mídias ou mesmo através da história (importando do passado âmbitos já experimentados), e isto porque, como já mencionamos acima, o real, mais propriamente, (podemos dizer também o futuro), passara a ser pré-compreendido como imprevisível e, em última instância, terrível: “isso significa que uma eventual perda da realidade no nosso presente, caso possamos discerni-la, teria de ser definida como uma etapa específica de exacerbação no decorrer de uma longa sequência histórica de desilusões da realidade”.

E ainda mais, investiga uma espécie de efeito colateral próprio a essa fuga da realidade, a saber, de que os homens estariam sentindo uma espécie de nostalgia em relação ao real, que seria restituída pelos próprios *reality shows*. Eles lembrariam e permitiriam alguma experiência do real (perdido), do estar com amigos e familiares relacionando-se fisicamente etc., aparecendo como um recurso virtual para o enfrentamento, dessa vez, da nostalgia provocada pela própria opção da virtualidade (e do individualismo extremo ou eletrônico). E contrariando a compreensão heideggeriana de que esse mundo contemporâneo seria responsável por uma espécie de império do impessoal (“massificação”), escreve sobre “esse novo cotidiano (que) de modo nenhum confirmou o receio de Heidegger em relação ao enfraquecimento do indivíduo pelo

pronome impessoal ‘se’. Antes, as mídias eletrônicas conferem às consciências individuais o poder de construir, a partir dos elementos que colocam à sua disposição, os seus próprios mundos”.

No quarto capítulo, “Estagnação: temporal, intelectual, celestial”, o autor retoma as discussões sobre o protagonismo da “cultura de presença” no “cronótopo pós-moderno”, não obstante, lembra que elementos próprios à “cultura de sentido” historicista ainda se fazem presentes. É especialmente interessante acompanhar a descrição fenomenológica do mundo contemporâneo que Gumbrecht propõe a partir da tematização da queda do socialismo de Estado na década de 80. O esmorecimento do socialismo de Estado indicaria que o mundo contemporâneo perdia a sua “fonte de energia” (nas palavras de Gumbrecht) própria ao “cronótopo historicista”, e entrava, assim, em um estado de “estagnação”, como anuncia já no título do capítulo. Fonte de energia que significa, também, uma atividade intelectual e prática incessantes a partir da expectativa (da esperança) de que o futuro estava aberto e se constituía como espaço ideal à realização, à felicidade. Chamo atenção, ainda, para a continuação dessa descrição do “clima” (*Stimmung*) contemporâneo a partir da cena intelectual atual, hiperespecializada, na qual grandes paradigmas teórico-práticos teriam se tornado raros, senão desaparecidos, e as reflexões seriam determinadas pelo que chama de uma “cultura da memória”, própria a um mundo que teria se virtualizado também através de um “presente ampliado”.

Ao fim do capítulo ainda descreve o que chama de “cultura de eventos”, que seria uma espécie de lembrança e intensificação das reflexões de um Schiller e de um Adorno (?), que nasceria a partir do desejo contemporâneo de resguardar-se do real (e de suas surpresas, conflitos e tensões). A arte teria se tornado, assim, um espaço de entretenimento e de ratificação de sentimentos e compreensões disponíveis ao invés de provocar momentos sublimes capazes de complexificar e multiplicar enunciados e juízos para o acompanhamento de um real que também tende à complexificação (a partir de sua estrutura deveniente autônoma e transcendente), e “a pessoa que criticar esse tipo de estrutura, seja por hábito adorniano ou até mesmo paixão política, revela-se completamente antiquada ou descaradamente elitista, o que, no mundo da União Europeia, talvez seja muito pior”.

No último capítulo, temos a descrição do fenômeno da dança, Gumbrecht é auxiliado por reflexões as mais distintas, ao menos numa primeira visada, como Heinrich Von Kleist, o crítico de dança Edwin Denby e Heidegger (esse sempre

presente). Trata-se de um ensaio que nascera de um engano (se é que podemos utilizar esse termo aqui, se é que ele é adequado à fenomenologia também gumbrechtiana), e isto porque Gumbrecht fora convidado a escrever sobre jogo, mas entendera dança e, quando percebeu seu “erro”, passou a falar sobre dança e jogo. Assim, relaciona ambos os fenômenos, com o objetivo de explicitar esse último e, especialmente, de acompanhar e descrever o fenômeno da dança. Toma o tango argentino para descrição e termina com a compreensão de que a dança é um fenômeno antropológico fundamental, ou melhor, pré-humano (instintivo ou ontológico), caracterizado pela necessidade da experiência, a um só tempo, de equilíbrio e desequilíbrio, que resguardaria aos homens o sentimento de aventura que teria sido obscurecido no interior do “cronótopo pós-moderno”. Gumbrecht mostra a dança como um fenômeno próprio à reaproximação (equilibrada, ou melhor, entre equilíbrio e desequilíbrio), ou ainda, à reinserção (ou ao recolhimento), dos homens “no” âmbito real. A graciosidade capaz de ultrapassar o clima de estagnação do mundo contemporâneo.